



Na Contramão: Uma Web Revista a Caminho dos *Outsiders*¹

Alexandro Mota²

Suzana Barbosa³

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

Hospedada no endereço www.revistanacontramao.com.br, *Na Contramão* é uma webrevista que pauta comportamento e cultura. Aqui, são detalhados a concepção e o processo de produção da webrevista, bem como sua fundamentação teórica. O produto usa da linguagem (visual e textual) do jornalismo de revista convergente com os ideais de hipertextualidade, personalização, interatividade e multimídia, próprios do fazer jornalístico na Web. A busca por uma atualização do conceito de *outsiders* – para a Sociologia, indivíduos que têm comportamentos que apresentam desvios em relação às regras estabelecidas por grupos ou fixadas pela tradição – inspirou a temática bem como as pautas do produto, apresentadas em uma única edição.

Palavras-chave: Webjornalismo; Webrevista; Outsiders.

Introdução

Na Contramão é uma webrevista que pauta comportamento e cultura. Inspirado no *New journalism*⁴, o produto foi planejado para aprofundar temas dessas áreas de modo a corresponder aos pedidos de objetividade, atualização e preocupação com o visual da plataforma que foi escolhida para abrigá-lo: a Web.

Este não é um projeto que cabe em uma revista impressa, ou em um livro-reportagem, ou em uma série radiofônica. Trata-se de um produto pensado e construído dentro de um plano discursivo de hierarquização das informações e concatenação de linguagens e mídias que só cabe dentro da World Wide Web. Para João Canavilhas (2007), o uso da Web como um simples suporte é negar a essência da mídia e desprezar a hipertextualidade como base do Webjornalismo.

Em *Na Contramão*, a preocupação com o visual, tratamento editorial, distintos formatos para o conteúdo jornalístico e um passeio por um tema condutor - os *outsiders* – o encaminha para o formato de uma webrevista (terceira geração do Webjornalismo).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Recém-graduado (2013) do curso de Jornalismo da Facom-Ufba, email: alexandro.ms@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e diretora da Facom-Ufba, email: suzana.barbosa@gmail.com.

⁴ Formato textual que teve origem na imprensa norte-americana. Nem jornalismo, nem literatura, mas ambos, juntos pela construção de uma linguagem romanescas não ficcional. Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote são as principais referências do gênero.



É na chamada fase do Webjornalismo de terceira geração que temos, segundo Barbosa (2004), conteúdos online mais deslocados da metáfora do jornal impresso. Mielniczuk (2003) lista interatividade, personalização, hipertextualidade, memória e instantaneidade como requisitos para essa definição.

Analisando *Na Contramão* por estes critérios, encontramos a possibilidade do usuário escolher uma navegação própria (*hiperlink*), construindo uma linearidade narrativa particular, correspondendo, assim, aos critérios de interatividade e personalização (PALACIOS, 2002). Com uso de vídeos, áudios, texto, animações e imagens, a webrevista concentra em um só ambiente o formato multimídia. Sua linguagem é hipertextual, porém não tem em si atualização contínua (instantaneidade), devido à escolha por uma única edição com arquitetura de conteúdo fechada. O conteúdo ficará disponível irrestritamente na Web, possuindo, assim, o caráter "arquivista" (PALACIOS, 2002) dos produtos na WWW.

Objetivo

O objeto desta webrevista são os indivíduos que identificamos como *outsiders* na atualidade. Para contar as suas histórias, trazemos os testemunhos, dados e a palavra de fontes especialistas em conteúdos de distintos formatos jornalísticos que expressam um recorte dessa realidade. Seu objetivo é a experimentação de formatos jornalístico na Web.

Justificativa

Para os teóricos que estudam critérios de noticiabilidade, a controvérsia, a raridade, o incomum e até mesmo o conflito são elementos que justificam o valor-notícia de um conteúdo jornalístico (SILVA, 2005). Logo, pautar comportamentos, indivíduos ou grupos que são exceções, que promovem rupturas e caminham contra a tradição, é uma possibilidade factível no Jornalismo.

A webrevista foi construída buscando-se privilegiar a ampliação do debate sobre o tema *outsiders*. Neste produto, os personagens têm destaque nas narrativas, são as suas histórias e opiniões que iniciam e conduzem os temas. É por entender que, com muita responsabilidade, o jornalismo tem a incumbência de produzir elementos simbólicos e culturais, que este produto se justifica e distingue por um relato humanizado que pensa em um leitor capaz de inferir e refletir sobre os temas em questão. Nesse sentido, Cremilda Medina (2007) pontua:



Não há narrativa nem matéria jornalística que não seja produção cultural, o que se diz da realidade à nossa volta é representado simbolicamente no discurso jornalístico. E quem interpreta a realidade é um leitor da contemporaneidade que produz sentido, produz significados perante o acontecimento social, econômico, político, artístico, esportivo, científico, ambiental etc. (MEDINA, 2007, p. 32).

Dar visibilidade ao sujeito que é “o de fora”, ao que permite o exercício de sair das nossas bolhas sociais de convívio possibilita irrigar valores tão fundamentais como o respeito e a tolerância, o que ressalta a importância social deste projeto.

Os *Outsiders*

O conceito de *outsiders* foi desenvolvido pelo sociólogo alemão Norbert Elias (2000) e surge em oposição à *established* (do inglês, estabelecidos) e não ganhou tradução para o português por não haver, na nossa língua, uma palavra que considere seu sentido literal, que seria algo como “o de fora”.

Para Elias, que era considerado um *outsider* na academia⁵, a delimitação da posição dos *outsiders* era feita pelos estabelecidos, que indicavam, nos primeiros, a falta de um "carisma grupal", algo que acreditavam ter. O conceito *outsiders* é universal (ELIAS, 2000) e não-datado, podendo ser identificado em diversas outras relações de poder ao longo da história da humanidade.

Já o estadunidense Howard S. Becker (2008) se atém especificamente à problemática dos *outsiders*. O americano conclui que o desvio é um “produto de uma transação que tem lugar entre algum grupo social e alguém que é visto por este grupo como infrator de uma regra”, levando em conta que o “desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele” (BECKER, 2008, p.27).

Nossa identificação de *outsider* na atualidade não reflete uma pesquisa nem metodologias científicas específicas do campo das Ciências Sociais. Inspiramo-nos nas características apresentadas pelos autores acima citados para refletir sobre. Considerando que houve deslocamentos no conceito ao longo dos anos. Um desses pode ser exemplificado no campo da sexualidade.

⁵ Elias sofria preconceito por contrariar um pensamento dominante entre seus pares, tanto que teve sua obra reconhecida tardiamente. Em suas pesquisas, buscava identificar o poder nas configurações sociais. "Sua história de vida foi marcada pela situação de limbo entre a inclusão e a exclusão, antes de chegar à academia, como judeu, e na academia por ser um pensador que contrariava os dogmas da ciência moderna" (SILVA, 2010, p. 51).



A virgindade, tema abordado em *Na Contramão*⁶, era sacralizada e hoje é dispensável para o início de uma vida conjugal. A perda da virgindade banalizou-se de modo que, entre jovens de classe média universitários ser virgem é fator de constrangimento. Assim, a virgem, em um contexto em que o sexo é banalizado é uma *outsider*. Já em um meio cristão, a desvirginada antes do casamento ainda é desviante.

O fazer jornalístico na internet e as webrevistas

O Webjornalismo tem três fases bem definidas e já se aponta o amadurecimento de outras gerações⁷. Para Barbosa (2004), chegamos “num estágio consolidado para boa parte dos usuários, que contribui para se experimentar novos formatos de produtos e de narrativas, além de novos enfoques para os conteúdos, bem como para a sua apresentação e disponibilização”.

Das primeiríssimas “bonecas” de revista que surgiram na Alemanha no século XVII⁸ até as publicações altamente interativas que saltam aos olhos das telas dos *tablets* hoje, as revistas se caracterizam pelo aprofundamento de temas - “mais do que um jornal e menos que um livro”, inicialmente. No início do século XX, com os avanços industriais que resultaram em uma maturação das artes gráficas, da tipografia e da impressão, se juntou ao imaginário das revistas serem também de alto impacto visual, de *design* elaborado e que explora fotografia, ilustração e infografia.

O *boom* do consumo de informações através dos dispositivos móveis chegou também para elas, lembrando para inclusão na nossa lista outra característica das revistas: um formato portátil. É possível caracterizar as revistas ainda pela sua periodicidade: não atende ao jornalismo diário, além de ser geralmente segmentada.

Dourado (2013) propõe um modelo de classificação das revistas em meios digitais: site de revistas, webzines, revistas portáteis, revistas expandidas, revistas Nativas Digitais, revistas sociais (DOURADO, 2013, p. 80).

⁶ Disponível em: <https://revistanaconramao.jux.com/1401393>

⁷ Barbosa (2007) considera que o jornalismo na e para a internet vai, cada vez mais, se valer do uso da base de dados, o que cria uma etapa de transição entre a terceira e a quarta geração do jornalismo digital, por ela denominada Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD). Pesquisas do Projeto Laboratório de Jornalismo Convergente (Facom-Ufba) também apontam uma quinta fase do desenvolvimento do jornalismo em redes digitais, que, de acordo com Barbosa (2013), é debatido paralelo ao que se entende hoje por convergência jornalística, sendo as mídias móveis (como os *smartphones e tablets*) “agentes propulsores de um novo ciclo de inovação, no qual a emergência dos chamados aplicativos jornalísticos autóctones para *tablets* são produtos paradigmáticos” (BARBOSA, 2013, p. 34).

⁸ O título *Erbauliche Monaths Unterredungen*, que teve publicação em Hamburgo, na Alemanha, entre 1663 e 1668, pelo teólogo Johann Rist é considerado a primeira revista editada no mundo (SCALZO, 2009, p. 19).



Concentrando-se no conceito de Webzines defendido por Dourado (2013), no qual acreditamos que *Na Contramão* se encaixa, destaca-se: são publicações fechadas em edições, que inovam no modelo de apresentação, se diferenciando dos *sites* com o modo de folheio através dos *flip page*; têm publicações com periodicidade de intervalos longos, geralmente mensais; a atualização contínua não tem forte influência neste tipo de publicação, que também, ainda segundo Dourado (2012), tende a não apostar em reportagens (*Na Contramão* vai de encontro a isso).

Duas outras características são o forte apelo visual e a o fato de quase sempre as *webzines* estarem associadas à produção independente. O principal suporte das *webzines* são os *desktops*, *note e netbooks*, o contato é mediado por mouse e teclado e são fechadas quanto à arquitetura de conteúdo.

O produto

Na Contramão contém são duas reportagens, uma série de microperfis, um artigo, um ensaio seguido de uma crítica de um produto cultural e um infográfico e um ensaio fotográfico. Apresentamos a seguir, de forma resumida, as pautas e os formatos. A webrevista possui um editorial, contextualizando e comentando o tema que une as pautas *-outsiders*. A primeira reportagem é *Virgem?!*, que mostra os dois lados da virgindade: como constrangimento entre meninas universitárias e como escândalo entre membros de igrejas protestantes que perderam a virgindade antes do matrimônio. Nessa reportagem o aprofundamento fica por conta de um vídeo-entrevista com uma psicóloga e especialista em terapia sexual e com um *podcast* que narra o bastidor da reportagem, que revela o porquê os rapazes evitam falar sobre o tema quando são virgens.

O conteúdo a seguir é uma série com cinco perfis (perfis jornalísticos em textos programados em páginas similares a um perfil na rede social Facebook). Os perfis são de pessoas avessas a redes sociais, mesmo sendo jovens e até profissionais de comunicação. A segunda reportagem é *Um por Todos*, que narra as dificuldades e as superações de jovens de famílias humildes que conseguiram vencer o estigma da faculdade para às elites. A reportagem traça um perfil dos avanços da democratização da educação superior nos últimos dez anos e traz questões constitucionais e acadêmicas para esmiuçar o tema. O ensaio fotográfico e a produção de dois colunistas são detalhados à frente.

Todo o conteúdo foi pensado multimídia, contendo pelo menos três linguagens (considerando texto, vídeo, podcast, fotografias/ilustrações, galeria de imagem,



infográficos) em cada formato, cujo uso é detalhado abaixo. A escolha dos formatos visou garantir diversidade. Com exceção⁹ do ensaio fotográfico, todos os demais conteúdos foram produzidos exclusivamente para *Na Contramão*. Há colaborações e todo o conteúdo teve tratamento editorial assinado por Alexandre Mota.

Na Contramão é um produto segmentado, cuja especialização se dá nos campos da cultura e do comportamento humano. A especialização/segmentação é uma das principais características das revistas, sejam elas em formatos digitais ou não. Essa peculiaridade, conforme Tatiana Dourado (2012), acaba por refletir em todo o produto.

O conceito da especialização é trabalhado em pauta, editorias, matérias, reportagens, identidade e acabamento visual, além do preço, quando são disponibilizadas para venda. O objetivo maior é atender a demanda de informação de um público segmentado, aqueles interessados nas especificidades de determinadas temáticas (DOURADO, 2012, p. 45).

Detalhamos a seguir o que se pretendeu com o emprego de cada linguagem, pontuando como se deu o tratamento editorial de cada conteúdo.

Texto: Assim como Medina (2007), acreditamos que a reportagem é um gênero central, único em sua capacidade de comunicar. Por isso, *Virgem?! e Um Por Todos* são consideradas as peças principais desta webrevista. Quanto aos hiperlinks, com exceção para os conteúdos próprios, houve sempre o uso de *links* conjuntivos (que abrem em uma nova aba/janela do *browser*, sem substituir a leitura atual), para evitar a “fuga da audiência”. Houve também uma preocupação com uma “hiperlinkagem” que conectasse o conteúdo próprio da webrevista. Ao ler uma reportagem em texto, o internauta descobre que há também um vídeo, ao ouvir um *podcast* a audiência tem a indicação de que há outra peça (um texto, um vídeo) que também fala sobre isso etc.

Imagem: As imagens, captadas com uma câmera fotográfica ou desenhadas em *softwares*, têm neste trabalho tanto caráter informativo quanto garantem o aspecto visual de uma webrevista. Detalho o uso das imagens:

1. Capa e editorial – Segundo Dourado (2012), a primeira página é um dos elementos de maior impacto e identificação de uma revista, na qual se atribui elementos gráficos, imagéticos e textuais que dialoguem com a publicação. Escolhemos, então, a expressividade de uma imagem do considerado pai do

⁹ O ensaio foi produzido para duas campanhas contra a homofobia promovidas pelo grupo Baphão Queer. As imagens dos ensaios foram tratadas e escolhidas de modo a construir uma narrativa lógica.



fotojornalismo, o Henri Cartier-Bresson. A escolha da foto, apenas com o *slogan* da revista e sua logomarca, considerou que, nas revistas, especialmente nas capas, a fotografia sobrepõe-se ao texto (Dourado, 2012, p.48). As revistas *online* podem tanto manter a primeira página única, como o uso de *home*, com manchetes em distintos tamanhos, imagem e resumo das reportagens. A porta de entrada de *Na Contramão*, para quem a acessa através do site de introdução, é uma única capa, mas há um índice de reportagens, que pode ser acessado através de um ícone - invisível com recurso de *mouseover* - acima de cada página. Escolhemos por fazer intervenções na foto de Bresson, de modo a personificá-la para este produto. A imagem, de uma mulher que caminha em direção ao mar, foi captada na década de 1930, e já está sob domínio público¹⁰.

2. Virgem?! - Uso de ilustrações produzidas por Alexandro Mota com o apoio dos programas Adobe Photoshop, CorelDRAW Graphics e Adobe Photoshop Lightroom. As personagens quase todas pediram anonimato, dificultando fotografias informativas. Uma ilustração de Ana Carolina Gomes, convidada, é uma coordenada em que a ilustração é o principal formato. Aqui destacamos o uso do formato GIF (Graphics Interchange Format) em uma das coordenadas, que permite animações, como forma de explorar a potencialidade da Web. A arte foi feita por Mota.
3. Os Desconectados – Aqui, a fotógrafa convidada Priscila Felipe¹¹ entrou em ação produzindo todas as imagens. Priscila também é responsável pelo cuidado com a correção das cores e finalização das imagens da revista.
4. Um Por Todos – Temos nessa reportagem arte de Alexandro com fotos de acervo pessoal, fotografias de Priscila.
5. Sobre(s)alto – É um ensaio fotográfico da estudante de jornalismo Amana Dultra. Ele não foi produzido para o *Na Contramão*, mas tem algumas imagens que não haviam sido divulgadas antes. A personalização para esta webrevista ficou por conta de criar uma lógica de apresentação e de significação das imagens através do texto e do título.

¹⁰ Uma imagem entra em domínio público 70 anos após ser divulgada.

¹¹ Sobre: www.priscilafelipe.com



6. Fotos de divulgação, algumas com artes de *Na Contramão*, ilustram as seções dos colaboradores Gessé Araújo (opinião) e Lorena Caliman. Pela qualidade das imagens e por reunir nomes promissores da fotografia em Salvador, a seção Opinião ganhou uma galeria de imagens. Já *Tão Zí*, o texto ensaístico de Lorena Caliman, tem uma foto dela como ilustração.

Vídeo: Prezando por uma uniformidade de linguagem, os vídeos são quase todos usados na webrevista para as fontes especialistas. Sua edição, feita através do programa Adobe Premiere Pro, preza pela objetividade. Um vídeo de apresentação do produto, na *home*, com linguagem publicitária, foi desenvolvido para uma experimentação da linguagem. A hospedagem do conteúdo do vídeo foi feita através de uma conta *plus*¹² no publicador Vimeo. A escolha do serviço foi por esse ter aspecto mais profissional, *cleaner* e livre de anúncios antes, durante ou após a exibição do vídeo (diferente do seu principal concorrente, o Youtube).

Áudio: O uso de *podcast* justifica-se nesse trabalho como espaço para um relato mais informal, para contar histórias ou vivência dos personagens, tramas ou situações em que foram participantes, com relevância para o conteúdo da matéria em que estão incluídos. A edição do conteúdo foi feita no programa Audacity. Uma crítica do álbum Tribunal do Feicebuqui, do cantor Tom Zé, também foi produzida em *podcast*, por entender que se configura melhor formato para demonstrar o que se afirma na crítica através de trechos da música. A crítica é uma coordenada do ensaio *Tão Zí*. A hospedagem do conteúdo foi feita no Soundcloud¹³ por ser um *player* gratuito que permite personalização do código que o incorpora.

Na Contramão tem dois ambientes. Um deles é uma apresentação detalhada do produto. Indica sua concepção, sua linha editorial e explica quem a fez. Este também é um espaço para reflexão sobre a produção de revistas na Web, com um *podcast* destinado a isso, cumprindo a promessa de ser um produto que reflete sobre o cenário em que está inserido. Uma versão completa do memorial também se encontra disponível na *home* do *site* da webrevista.

¹² Foi necessário o pagamento de \$9.95 para permitir o *upload* de todo o conteúdo, já que a versão gratuita do hospedeiro tem uma limitação de 500 MB por semana.

¹³ Conteúdo da webrevista reunido no link: <https://soundcloud.com/revistanacontrao>



Considerações finais

Na Contramão é um trabalho de cerca de um ano e meio em que seu autor se debruçou em pesquisas, buscas de referências e execução. O propósito de ser desta webrevista: exercitar um olhar jornalístico sobre temas e pessoas que promovem rupturas, questão essa que o instigou até o fim. Podemos perceber que a produção de revistas para o consumo na web não apenas pede recursos multimídia, mas também um profissional multimídia, polivalente. Embora saibamos que possíveis implicações negativas em termos profissionais é a exigência do mercado deste jornalista multitarefa, no ambiente acadêmico o exercício desta produção de diferentes formatos e mídia foi satisfatória.

Referências

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas Jovens: Novos mapas do afeto**. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BARBOSA, Suzana. **Banco de Dados: agentes para um Webjornalismo inteligente**. paper apresentado ao V Congresso IberoAmericano de Periodismo em Internet. Facom/Ufba, 2004. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004_barbosa_agentes_inteligentes.pdf> (Acesso em: 01/ago/2013).

BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana. Ferramenta para Análise de Hipertextualidade em Cibermeios. In: PALACIOS, Marcos (Org.). **Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo**. Volume 1: Modelos LabCom Books, 2011.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD): um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. Tese (doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais**. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Notícias e Mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis**. Covilhã: LabCom, 2013. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20130404-201301_joaocanavilha_noticiasmobilidade.pdf> (Acesso em 06/ago/2013)

BECKER, Howard Saul, 1928. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Tradução de Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. Trabalho apresentado no I Congresso Ibérico de Comunicação, Málaga – ES, Maio de 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>> (Acesso em 18/abr/2012.).



CANAVILHAS, João. **Webnotícia: Propuesta de modelo periodístico para la WWW.** Salamanca: LabCom, 2007.

CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo da. **Revistas no cenário da mobilidade: a interface das edições digitais para tablets.** 150 f. il. 2011. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. **Revistas em Formatos Digitais: modelos e novas práticas jornalísticas.** 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. **As revistas mudam porque os suportes mudam.** Revista de Comunicação, v.14, n.33, 2013. Disponível em <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?ddl=7654&dd99=view&dd98=pb>> (Acesso em 06/ago/2013).

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** Tradução: Vera Ribeiro e Pedro Siissekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GIMENEZ, Valentina. Internet también es una plataforma apropiada para textos "largos" y de calidad, opinó experto. In: **Ijnet**, 14 nov. 2011. Disponível em <<https://ijnet.org/es/stories/internet-tambien-es-una-plataforma-apropiada-para-textos-largos-y-de-calidad-opino-experto>>. (Acesso em: 01/ago/2013)

MEDINA, Cremilda. **Leitura crítica: rumos [do] jornalismo cultural:** São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na WEB: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NATANSOHN, Graciela. **O jornalismo de revista no cenário da mobilidade PRISMA.COM.** Edição n.º 12, 2010. Disponível em <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/758/685>> (Acesso em 24/abr/2012).

NATANSOHN, Graciela. Mapeando o novo cenário. In: NATANSOHN, Graciela (Org). **Jornalismo de Revista em Redes Digitais.** Salvador: Edufba, 2013. p. 7-10.

PALACIOS, Marcos Silva. Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate. In: **Workshop de Jornalismo Online**, anais eletrônicos. Covilhã, 2002. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf> (Acesso em 23/mar/2013).

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade.** Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v.2, n.1, p.95-107, jan./jun. 2005.